

FAKE NEWS E(M) DISCURSO: SOBRE O BOATO EM SUA CONSTITUIÇÃO DIGITAL

Gustavo Haiden de Lacerda (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo (Orientadora), e-mail: gustavo.haiden@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Área: Linguística. Subárea: Teoria e Análise Linguística

Palavras-chave: Fake News, Análise do Discurso, Efeito-verdade

Resumo:

Embasados na Análise de Discurso de matriz pecheuxiana, apresentamos com este texto o desenrolar da pesquisa realizada em torno da produção e circulação de *fake news* no espaço digital. O propósito do projeto era o de analisar as notícias falsas pensando-as discursivamente como *boato* constituído no meio digital, a fim de explicar quais os efeitos acarretados sobre a produção do conhecimento na sociedade contemporânea, bem como compreender que tipo de leitura (e leitor) é engendrado pelas *fake news*. Os resultados das análises apontaram para uma estreita relação entre o funcionamento das *fake news* com o jornalismo digital, falsificando uma posição jornalística pelo discurso. Além disso, traçando um percurso filosófico do conceito de *verdade*, pudemos repensá-lo à luz da Análise do Discurso, confrontando-nos com o polêmico termo “pós-verdade”, a partir do qual as *fake news* se mostram como desafio inclusive epistemológico para a Ciência.

Introdução

Com o advento de formas interativas e sempre mais velozes de tomar a palavra no ciberespaço, passou a circular profusamente o discurso de uma “democracia” digital, segundo o qual todos poderiam falar de tudo com todos. Esse tipo de pensamento é ingênuo e desconsidera justamente que o ciberespaço é também um espaço político e histórico de funcionamento da língua, o que significa um lugar de divisão e dispersão do sentido e do sujeito, que segue produzindo efeitos pelo trabalho da ideologia. É nesse mesmo contexto que surgem as *fake news*, fenômeno discursivo que dá a ver (ou acoberta) a complexidade do que significa estar em Rede.

É pouco racional afirmar que mentiras e falsificações tenham uma origem recente, surgidas nas redes sociais; na verdade, podemos rastrear notícias falsas até a antiguidade, como demonstra o episódio que envolve a lenda do “cavalo de Tróia”. O que temos agora, por outro lado, são formas diferentes de falsificar, *novas tecnologias* para formular e compartilhar essas farsas. A “novidade” das *fake news* parte da própria infra-estrutura das tecnologias digitais, que se fundamentam em torno da *circulação*, sendo ela o ponto máximo da eficácia digital, mas também a

instância em que a *falha* pode irromper. Inclusive, as fake news têm obrigado diversos setores da sociedade a re-pensar suas práticas, como o sistema jurídico, a Ciência, a imprensa e mesmo os próprios sujeitos-usuários, que precisam encontrar uma nova maneira de viver em sociedade pelo aparato digital. Com isso em vista, nosso projeto de pesquisa partiu de uma questão que nos afrontava: o que as *fake news* acarretam sobre a produção do conhecimento e sobre a produção de leitura em nossa sociedade?

Materiais e métodos

Em termos de construção de *corpus* para análise, selecionamos um total de doze notícias falsas que circularam pelas redes sociais entre 2017-2019, seleção guiada por um critério temático tripartido: *fake news* (a) sobre política, (b) sobre personalidades midiáticas e (c) sobre saúde e estética. Em um primeiro momento, tal subdivisão buscava propiciar mais clareza quanto às formas com que diferentes assuntos se tornavam alvo de notícias falsas. Com as análises, porém, percebemos íntimas relações entre os três temas, que se ligavam por uma discursividade maior, que entendemos como a discursividade do boato digital, que apagava a especificidade de cada domínio. A título de exemplificação, trazemos uma das notícias falsas analisadas, a partir da qual, pelas análises comentadas adiante, pudemos refletir mais claramente sobre os modos de significar das *fake news*.



Figura 1 – Notícia falsa sobre as eleições 2018

Pensando os métodos de análises, mantivemo-nos consequentes ao campo teórico-metodológico da AD, o qual preza por “um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise” (ORLANDI, 1999, p. 67), de modo que teoria e método, embora distintos, são inseparáveis. Nesse sentido, foi produtivo recorrermos aos *jogos parafrásticos*, por meio dos quais nos desembaraçamos de uma visão de língua como instrumento de comunicação completo, para aderir a uma concepção discursiva de língua, para a qual a língua(gem) existe na história e não está isenta do trabalho da ideologia: precisamente, o discurso está no movimento da língua inscrita na história e é ele o lugar material em que se manifesta a ideologia (ORLANDI, 1999). As paráfrases, sejam elas verbais ou visuais, permitiram-nos vislumbrar a relação de tensão do mesmo (paráfrase) com o diferente (polissemia), pela qual a língua surge em sua *autonomia relativa*, no movimento do próprio discurso. Segundo Orlandi (1999, p. 38), “entre o mesmo e o diferente, o analista se

propõe compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados [...] Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder”.

Resultados e Discussão

Em um primeiro momento, analisamos a formação do discurso jornalístico do Brasil (MARIANI, 1996), cuja atividade iniciou-se com a chegada da família real ao país, em 1808. Tal constatação sinalizou que o momento de fundação da imprensa foi perpassado por jogos de interesse, situação que, mesmo oscilando ao longo do tempo, permanece produzindo efeitos sobre a prática da imprensa. Nas palavras de Mariani (1996, p. 88) o jornalismo “esquece” que é fundado como uma interpretação do mundo, como um recorte nunca totalmente objetivo da realidade (efeito-verdade), resultando disso “a ilusão do jornalismo-verdade, ou seja, a ilusão de que os jornais são apenas testemunhas, meios de comunicação ou veículos informativos”.

Como observado na imagem anterior, as notícias falsas – porque isso foi recorrente no geral – buscam nos modos de enunciar do discurso jornalístico um respaldo para sua *vontade de verdade*, para tornar-se legítima, ou melhor, simular uma legitimidade. Nesse caso, ao trazer a imagem manipulada, a notícia falsa retorna ao discurso jornalístico, à relação de evidência construída sobre a imagem como “prova” da notícia, para autorizar um sentido sobre o próprio corpo de Manuela D’Ávila, candidata à vice-presidente de Fernando Haddad, nas eleições de 2018. A camiseta, na verdade, trazia os dizeres “rebele-se!”.

Um dos principais investimentos teóricos realizado foi sobre a noção de *boato* pensado discursivamente a partir de Orlandi (2001) e re-dimensionado por nós através de seu funcionamento digital. No entender de Orlandi (2001), o boato define-se enquanto “o traço de que há sentidos ainda não formulados (postos em palavras). Excitação geral da palavra, anônima, pública, materialidade que se impõe de onde surgem “interpretações”, as diferentes versões possíveis” (ORLANDI, 2001, p. 135). Em nossa reflexão, deslocamos essa afirmação para as condições de produção do ciberespaço e acrescentamos a necessidade, demandada pelo próprio funcionamento digital, que as *fake news* têm de formular-se, de ter um corpo textual “compartilhável”, para então poder circular “como se fosse” (efeito) verdade.

Isso nos apontou para o centro da questão da discursividade das *fake news*: a circulação. É ela que assegura, de um lado, o êxito da máquina, e, de outro, o ponto da falha, possibilitando mais alcance e, por isso, mais possibilidades de contestação. Há o trabalho inevitável da contradição discursiva, que indica a ação da ideologia mesmo no meio digital, ressoando em Orlandi (2001), ao afirmar que “no funcionamento da linguagem (...) [o] sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição” e direcionam-no a determinados sentidos e não a outros. Explorando essa afirmação, notamos que, para produzir des-conhecimento, as *fake news* produzem *dispersão*, isto é, tentam apagar seu lugar de interpretação, quando na realidade reforçam-no a todo o momento.

Em uma segunda empreitada, de cunho filosófico-discursivo, traçamos um percurso da noção de *verdade*, de Aristóteles a Foucault, passando por Nietzsche e Arendt, como forma de aprofundar a reflexão sobre o que significa dizer a verdade, enxergando a espessura do conceito. Esse momento da pesquisa culminou com

uma investigação acerca do controverso termo “pós-verdade”, perguntando por sua (im)pertinência. Conforme D’Ancona (2018, p. 111), a pós-verdade é “um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade”. Inquieta-nos o gesto de nomear a era em que vivemos como “pós-verdade”, uma vez que, imersos que estamos em nosso tempo, não temos o distanciamento necessário para isso, além dos perigos epistemológicos trazidos pela classificação. Contudo, acreditamos, sim, a partir das análises de *fake news*, que estamos diante de um cenário de tipo novo para a produção de conhecimento, que demandará, em retorno, novas formas de nos relacionarmos com os saberes em circulação em rede.

Conclusões

Retornamos à pergunta de afrente: o que as *fake news* acarretam sobre a produção do conhecimento e sobre a produção de leitura em nossa sociedade? Compreendemos, com as análises, que, nas *fake news*, não estava em questão um debate eleitoral ao tratar sobre política, nem discutir saúde pública, mas uma discussão pessoal(izada). Não se tratava de discutir política, mas políticos; não era a saúde, mas o alarme público. Esse processo de deslocamento de Política para políticos, da Saúde para a conspiração, vai ao encontro da tônica da pós-verdade, qual seja, ceder a emoções e crenças, que direcionam a leitura antes mesmo do ato de ler. Nossa posição é a de que é preciso insistir na compreensão do funcionamento do discurso digital, para que possamos torná-lo meio de resistência, para então “intervir no real do sentido pela produção de práticas discursivas” (ORLANDI, 2001, p. 25). A pesquisa apontou para a importância de questionar a interpretação e revisar a própria prática de produção, circulação e leitura do conhecimento, atravessado pelo digital.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao CNPq, pelo financiamento à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realizar o projeto. Em segundo lugar, agradeço enormemente à minha orientadora, Prof^a. Dra. Luciana C. F. Dias Di Raimo, por me guiar no incerto e sempre provisório mundo do discurso.

Referências

- D’ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Trad. de Carlos Szlak. Barueri: Faro, 2018.
- MARIANI, B. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.